

A TESOURA DE GUIMARÃES.

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO E NOTICIOSO.

Redactor principal Jose Ignacio d'Abreu Vieira.

ASSIGNATURA.

(Sem estampilha.)

Por anno..... 2\$40
 « Semestre.... 1\$3 0
 « Trimestre.... 8720

Publica-se todas as terças, e sextos feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no escriptorio da redacção rua Nova do Muro n.º 48. Preço de cada numero aculso 40 rs. No mesmo escriptorio se recebem as annuncios, que deverão ser pagos a 30 rs. por linha, repetição 20 rs. As correspondencias serão dirigidas ao redactor principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, vindo legalmente reconhecidas por tabellião desta comarca, mediante o preço de 30 rs. por linha. e não contendo materias em opposição ao nosso programma.

ASSIGNATURA.

(Com estampilha)

Por anno..... 2\$930
 « Semestre.... 1\$560
 « Trimestre.... 8850

GUIMARÃES 14 DE OUTUBRO.

Temos estado em tregos na questão das irmãs da charidade francezas e dos seus directores os frades lazaristas, e não é com grande vontade, que tornamos á lide. Se o fazemos é por vermos que nossos adversarios vão ganhando terreno, aproveitando-se da nossa innação, e da confiança que temos na restricta observancia das leis: se o fazemos, é, porque observamos, que nossos contrarios mudaram de plano de ataque: se o fazemos em fim, é, porque temos um rigoroso dever de o fazer, não consentindo que se illuda um povo, que tanto carece, de quem lhe falle a lingoagem da verdade.

Dizem por ali, que certa pessoa, que nós e quasi todo o Guimarães, muito amamos e respeitamos por suas virtudes, e saber, (mas que, comtudo, pode enganar-se, e ser enganado) mandara dizer, das terras distantes em que se acha, que a guerra ás irmãs da charidade *fôra ordenada pelo chefe da maçonaria*, que não sabemos, nem talvez o nosso amigo saiba, em que lugar tem a sua residencia.

Duvidamos da existencia de tal carta, mas não duvidamos que tal ordem fosse dada por esse poderoso senhor desconhecido; porcm o que podemos affirmar, é, que as suas ordens poderiam ser cumpridas em toda a parte menos em Portugal.

Em Portugal não ha, por em quanto, uma unica pessoa, que faça guerra ás irmãs da charidade, antes pelo contrario, todos desejariam ver em cada cidade, villa, e aldea uma casa desta benefica instituição, quando as piedosas irmãs se limitassem ao penoso, mas santo, exercicio, para que as congregou o seu santo instituidor, S. Vicente de Paulo.

A guerra que os jornaes, e a cidade de Lisboa, tem feito, não é ás irmãs da charidade, é ás senhoras francezas, que, com o nome de irmãs de charidade, se querem occupar em outros exercicios, para os quaes as não chamou S. Vicente de Paulo.

É ás senhoras francezas, que, chamando-se irmãs da charidade, vinham expulsar das suas casas não só as senhoras portuguezas verdadeiras filhas de S. Vicente de Paulo, verdadeiras irmãs da charidade, mas tambem as senhoras religiosas que não vivem de esmolos, e que tem rendimentos propriamente seus, dos quaes seriam despojadas, se todos os portuguezes fossem afrancezados, e não houvesse homens de

patriotismo, que as aconselhasse á resistencia.

E' ás senhoras francezas, que, dedicando-as o seu santo instituidor ao serviço, sem accitarem recompensa, que não seja commum a todas, vieram a Portugal para serem servidas por fidalgas portuguezas, e receberem pingues ordenados pelo sacrificio de passarem a amas, de creadas que eram.

E' ás senhoras francezas, denominadas irmãs da charidade, que, não tendo mais instrução do que qualquer senhora portugueza de mediocre educação, e devendo só occupar-se no curativo dos enfermos, e em outras obras pias de serviço corporal, pertendem administrar os bens da orphanidade portugueza, e dar uma *educação franceza* ás nossas creanças orfãos e que tem direito a encontrar apoio na nação, e a ser educadas em harmonia com os habitos e costumes nacionaes.

E' finalmente ás senhoras francezas, e frades lazaristas, que, vindo viver em Portugal; vindo nutrir-se com o suor dos portuguezes, e encher as suas burras de dinheiro portuguez, não querem prestar obediencia aos bispos portuguezes, mas sim só e unicamente ao seu superior francez.

O jornaes de Portugal que guerreem as irmãs da charidade francezas, querem, e querem de todo o coração irmãs da charidade; mas francezas na França, inglezas em Inglaterra, hespanholas em Hespanha, e portuguezas em Portugal; querem irmãs da charidade; mas que se occupem no serviço para que as chamou S. Vicente de Paulo; do contrario é uma impostura. Para gosar as grandezas, e bens mundanos não é competente o habito do Santo, que invocam por patrono.

Quem isto deseja, quem isto quer, quem isto pede, de bocca e por escripto, não guerra ás irmãs da charidade, nem obedece ás ordens do chefe da maçonaria, que já não anda muito em voga, sendo mais acreditados os chefes dos chamorros, dos *humidos*, ou m ..., dos corcundas, e regeneradores.

Se, pois, não ha um unico jornal, um unico individuo, que deixe de dar apreço ás irmãs da charidade, para que são essas diligencias, esses enganos torpes e traiçoeiros para promover assignaturas em favor das irmãs da charidade, sem declararem, que é em favor das senhoras francezas, e dos padres lazaristas que as acompanham?!

Que vem aqui fazer o chefe dos mações, se o jornal do que, algum dia, era

indigitado como chefe dos mações em Portugal, faz côro com os jornaes da *Santa Religião* e se exforça para que um chuveiro de irmãs francezas, e frades lazaristas venha inundar o desgraçado Portugal?!

Deixem-se de imposturas! Se assim amam as irmãs da charidade, porque despresavam as irmãs portuguezas existentes em Lisboa antes de chegarem as francezas? porque lhes não offereciam, como a estas, as suas carruagens? porque lhes negavam os seus palacios e os seus banquetes? Terão as irmãs francezas mais nobre *assento*, e mais delicada bocca, do que as irmãs portuguezas? — Que impostura!

Não é a charidade franceza o objecto que tanto se anima, que tanto se exalta: é o que se espera atraz da charidade franceza. Napoleão 1.º tambem foi o homem charitativo, que exerceu a sua principal charidade em dar protecção ás nações pequenas contra o poderio da Inglaterra, e achou nellas muitos sequazes; mas por fim essas nações pequenas, e tambem as grandes, tiveram de unir-se á Inglaterra para poderem vér-se livres da protecção do Grande Napoleão!

No throno da França está um outro Napoleão sobrinho do primeiro, igualmente charitativo, mas que entende, que a maior das charidades é dar instrução *franceza* á mocidade das nações brutas, como é Portugal; e não é de admirar que encontre aqui sequazes, porque a instrução actual neste paiz, na Belgica, na Sardenha, e em outras pequenas nações, é uma instrução bruta, inglezada, e toda maçonica, visto que passa além da classe ecclesiastica, *unica que deve ter sabedoria, unica que, juntamente com os nobres, deve regular as acções dos Reis, e de todos os povos das diversas nações.*

Para que hade o povo saber, que todos os homens são iguaes perante a lei? — Nada, nada — Esta sciencia é prejudicial á sociedade; é a sciencia das chafaricas da maçonaria. Basta, que o povo saiba, que o homem foi feito de barro; que foi condemnado ao trabalho e á morte pelo seu peccado original, que o poder dos reis vem immediatamente de Deus; e que ao Rei, aos seus ministros, e aos ministros da religião, se deve cega obediencia. Basta, que saiba a maneira de cultivar a terra, e que, dos fructos desta, se paga o dizimo, e primicias á igreja.

É esta a sciencia, que podemos, e devemos esperar das irmãs francezas, e dos seus directores, os padres lazaristas, que

entraram em Portugal cobertos com o manto da charidade, como em outro tempo entraram as legiões com as armas da protecção.

Se então illudiram, hoje illudem muito mais, porque a illusão começou pelo modelo das virtudes, pelo symbolo da verdadeira charidade, por uma mente, aliás, esclarecida, por uma pessoa de todos amada e respeitada, sobre a cabeça da qual a corda dos imperios nunca repousou com tanta dignidade!

Apoz esta illusão vão centos, e milhares dellas, até ver se chegam ao Chefe do Estado que pode esquecer-se da triste figura que fizeram algum dos seus antepassados, e de que o vasto territorio brasileiro não é hoje possessão de Portugal! . . .

A imprensa patriótica e liberal, tendo a seu lado unicamente o povo de Lisboa independente, lucha contra todos estes elementos, e os homens independentes das provincias olham com indifferença para esta lucha! — Sabem combater com as armas, e não sabem guerrear com a penna! Pois este modo de combater é mais suave; e, o que não deseja experimental-o, pegue na penna, e una a sua assignatura aos milhares de assignaturas, com que o povo de Lisboa quer sustentar a sua independencia, e a sua liberdade.

J. I. d'Abreu Vieira.

(Continuado dos n.ºs antecedentes.)

O snr. Pereira de Carvalho d'Abreu: — Sr. presidente, eu tinha dito na ultima sessão, que a illustre commissão, encarregada do exame das eleições do circulo de Lamego, fora no seu primeiro parecer de opinião que se annullasse a eleição de Penedono, e se julgassem validas as eleições de todas as outras assembleas do circulo, proclamando-se deputados eleitos os cidadãos que nestas haviam obtido maior numero de votos; e no segundo parecer seguiria o alvitre de declarar validas as eleições de todas as assembleas, mesmo a de Penedono, e proclamar eleitos deputados os candidatos mais votados, subtrahindo 72 votos ao cidadão Antonio Julio Pinto Ferreira, e acrescentando 60 ao cidadão Antonio Telles Pereira de Vasconcellos Pimentel, pelo fundamento de que a votação d'estes dois candidatos se acha visivelmente falsificada, e deve ser assim restabelecida.

Notei que estes dois pareceres estavam na mais palpitante contradicção; e como agora me recorde de que o nobre relator da commissão se esforçou por mostrar que a não havia, esgotando em tal empenho todos os recursos que pode suggerir-lhe o fecundo e subtil engenho que tanto o distingue, peço licença á camara para muito de passagem fazer sentir aqui a verdade da minha affirmativa.

Snr. presidente, a antithese entre os dois pareceres é de primeira intuição, já em respeito á apreciação dos factos, já relativamente ás consequencias que d'ellos se deduzem, porque no primeiro parecer annullava-se a eleição de Penedono, por estar falsificada nas actas a votação de dois cidadãos, por terem sido descarregados nos cadernos cinco votantes que não compareceram á eleição, e por se haverem continuado as operações eleitoraes alem do sol posto; e no segundo parecer julga-se valida esta eleição, por serem alguns d'esses factos duvidosos e todos simples e meras irregularidades, que em nada affectam a validade da mesma eleição.

Não se pense comtudo que eu pretendo inculcar a respeitavel commissão por mudar de alvitre: longe de mim tal ideia. Eu sei que as

reconsiderações não ficam mal a ninguém, quando motivos justos e ponderosos as diclam por que *sapientis est mutare concilium*; e faço inteira justiça á rectidão das intenções da sabia commissão. O que eu desejava era que houvesse a franqueza de confessar a reconsideração, e se não forcejasse por persuadir que a não houve, quando ella é tão clara e manifesta.

Mas deixemos este incidente, e prosigamos. Tinha dito que não approvava nem o primeiro nem o segundo parecer da illustre commissão, e entendia que toda a eleição do circulo de Lamego estava nulla, porisso que nullas estavam as eleições de algumas assembleas do circulo, que influíam no resultado geral da eleição; que uma dessas eleições que eu reputava nullas, era a da assemblea de Penedono e para o comprovar adoptava as razões que a nobre commissão exarou no primeiro parecer, e depois repudiou no segundo; que a primeira destas razões se fundava na falsificação da votação dos dois cidadãos já mencionados, Antonio José e Antonio Telles, porque não podendo a falsificação ser feita senão pela mesa eleitoral da assemblea ou, pelo menos, sem o seu consentimento, ficavam suspeitas do mesmo vicio todos os mais actos da eleição, e não havia logar a restabelecimento da verdadeira votação, que propunha no segundo parecer, o que só poderia verificar-se se a mesa eleitoral tivesse sido estranha á falsificação começando a mostrar que a mesa eleitoral da assemblea tinha com effeito sido auctora ou cúmplice na falsificação, e continuou n'este assumpto.

Snr. presidente, a falsificação apparece na acta da eleição do primeiro dia. O decreto eleitoral de 30 de Setembro de 1852 que é a lei vigente manda que quando a eleição se não poder concluir no primeiro dia, se fechem as listas e mais papeis n'um cofre de tres chaves, ficando uma d'estas na mão do presidente da mesa, e as outras duas nas mãos dos escrutinadores; que no dia seguinte se abra o cofre, e continuem as operações eleitoraes até concluir a eleição; e que, concluida, entreguem as actas originaes e os mais papeis respeitantes, dentro do officio fechado, lacrado, e rubricado no reverso, aos escrutinadores, para estes na qualidade de portadores as apresentarem assim na assemblea de apuramento.

A mesa eleitoral de Penedono assevera que todas estas sollemnidades se cumpriram, e por consequencia a acta da eleição do primeiro dia passou por estes tramites marcados na lei, e sendo assim a falsificação só podia ser feita pela mesma mesa, ou com seu consentimento, quer se commettesse no primeiro dia, quer na noite deste para o segundo, quer no segundo dia, ou depois d'elle.

No primeiro dia, porque n'esse a acta não sabiu do poder da mesa; na noite do primeiro para o segundo dia, porque estando então a acta fechada no cofre, não podia ser falsificada, sem que os vogaes da meza dessem as chaves para o abrir; no segundo dia, porque n'esse tambem a acta esteve sempre em poder da mesa até que a eleição se concluiu e depois de concluida a eleição, porque para poder commetter-se a falsificação era necessario que a mesa entregasse aberto aos portadores o officio em que fa a acta e fosse por isso connivente no crime.

[Continua]

INTERIOR.

— Valha-nos isto! — N'uma correspondencia de Bruxellas, dirigida ao « Précurseur » de Antuerpia, e onde se relata o que se passou na primeira sessão do Congresso lê-se os seguintes paragraphos, bastante lisonjeiros para dois dos nossos mais abalizados juriconsultos, e que devem ser lidos com prazer por todos os que presam o bom nome, e a dignidade da nação. Eil-os:

« O snr. Silva Ferrão, ministro e secretario d'estado honorario, membro da academia das sciencias de Lisboa, delegado

do governo portuguez, declarou que este governo partilhava as ideias liberaes e generosas d'aquella assemblea de sabios, em assumptos de propriedade artistica e litteraria. Disse que em Portugal a liberdade de imprensa é completa, que cada um alli pode exprimir as suas opiniões como entende.

Alli não se receia os excessos da liberdade porque todos estão profundamente convencidos de que os vicios da imprensa não podem ser melhor castigados do que pelo bom senso, a consciencia e o desprezo publico. A Belgica serve de exemplo a Portugal, o qual comprehende, que o mais seguro esteio da ordem e o estimulo mais energico da prosperidade e do desenvolvimento nacional, é a liberdade.

« O snr. dr. Levy Jordão advogado, e membro da academia de Lisboa, delegado do Instituto de Coimbra tomou em seguida a palavra. Teria sido impossivel aquelle moço advogado exprimir mais nobres pensamentos do que os que acabava de pronunciar o seu compatriota Silva Ferrão. N'outros termos, repetiu-os com o calor que dão a juventude, o amor da liberdade, e a esperanza de ver a sua patria continuar a caminhar na senda liberal onde entrou para seu bem. Terminando o seu discurso, o snr. Levy Jordão teve um magnifico movimento d'eloquencia; a sua pronuncia portugueza desapareceu de repente, quando disse: « a maior honra que o congresso me pode fazer, é lembrar-se do nome obscuro do habitante do Meio-dia, que veio á Belgica para se alistar como simples soldado na legião que hade assegurar o triumpho á intelligencia e á liberdade.

« Os applausos da assemblea foram tão numerosos como os que haviam sido dados aos snrs, Roberto Bell e Silva Ferrão. O congresso provou ao sr. Levy Jordão quanto orgulho sentia em contar nas suas fileiras um homem que, pelos seus trabalhos, pelo seu patriotismo e amor do progresso, tem sabido illustrar o seu nome. Os soldados energicos, como o snr, Levy Jordão, são conhecidos de toda a Europa; nunca se esquece que são elles os generaes da civilisação, nos seus respectivos paizes.»

— Explicações. — Andava por ahí meio mundo escandalizado por as duas naus francezas, que estão fundeadas no Tejo, não terem salvado na occasião em que o Rei acompanhava o snr. infante D. Luiz a bordo da corveta « Bartholomeu Dias » apesar de levar esta o pavilhão real no tope do mastro grande.

Os « invencioneiros » attribuiam esta descortezia a desintelligencias que diz existirem entre o governo francez e o nosso, a proposito do apresamento da barca « Charles et George ». Havia tal que, quando ouvia um tiro no Tejo, pensava já que estava bombeando a cidade.

Segundo diz o nosso collega do « Jornal do Commercio, » consta que o nosso ministro dos negocios estrangeiros pediu explicações acerca do referido facto, ao ministro francez n'esta corte, que as deu inteiramente satisfatorias.

Os commandantes e mais officiaes das naus foram ante-hontem recebidos por El-Rei, e diz-se que, n'aquelle acto, o commandante da força naval franceza tivera a honra de explicar a S. M. os motivos d'aquella falta, que foi filha do acaso, não havendo intenção reseryada.

A questão da barca tem de ser resolvida conforme as leis do paiz, e em harmonia com o direito das gentes.

(*Jornal Mercantil.*)

CORTES

As cortes abriram-se no dia 11. Concorreram á camara electiva 38 surs, deputados, e á hereditaria 6 — Não se admirem era negocio de encomenda.

No dia seguinte encerrou-se a sessão do presente anno, e as cortes se reunirão em 4 de Novembro para cumprimento da lei — Talvez sejam então adiadas! quem sabe!

— *Africa portugueza.* — Parece-nos, que ha quem por caridade promove hostilidades dos pretos d'África com os portuguezes. Um jornal francez diz que a lucta entre os portuguezes e os povos do interior tem degenerado n'uma perfeita guerra.

Os povos marovis, casanges e camgares, que por muitos annos, se tinham conservado fieis e neutraes, acabavam de tomar parte nas hostilidades e ameaçavam alguns pontos importantes de Moçambique.

O forte de Mazzaro, que foi tomado pelos portuguezes, cahiu em poder dos indigenas.

Portugal, que possui as melhores possessões n'aquella parte da Costa d'África, não retira d'ellas todo o proveito que podia esperar, porque ellas tem sido inteiramente abandonadas pelo governo da metropole.

Perto de Zumbo, descobriram-se novas e mui ricas minas d'ouro, que se não exploram por falta de braços: porem assegura-se que uma companhia ingleza pediu ao governo portuguez permissão para exploral-as, sob condição vantajosa para ella, e julga-se que a alcançará.

O dr. Livingstone e a sua expedição estavam a 60 milhas do Zambeze, e, quando entraram no Senna, foram recebidos por uma deputação de negrós macololos, que veio offerecer-lhes seus serviços, annunciando-lhes que havia terminado a guerra que inteceptava a navegação do rio.

(*O Oriente*)

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

Londres, 5.

Diz o « Morning-Herald », que o imperador da Russia, virá aqui, e a Pariz na proxima primavera.

Varios periodicos, dizem ter sido expulsos de Pariz varios italianos por trahirem contra o imperador.

De alguns dias a esta parte nota-se certa animação nos circulos politicos de Londres. Torna a fallar-se da reforma sempre promettida e projectada pelos diversos ministerios que se tem succedido ha alguns dias.

As questões que se debatem são: a extensão do suffragio universal; o escrutinio secreto nas eleições, que é combatido por alguns whigs, e principalmente por lord Russel; a duração dos parlamentos, que geralmente se considera longo o periodo de sete annos; a modificação dos collegios

electoraes, questão sobre a qual não parece difficil uma completa conformidade de opiniões.

Ha alguns dias que reina tambem grande movimento nas provincias, e poderá succeder que, antes que se abra a proxima legislatura se organise uma manifestação popular, destinada a passar sobre as decisões da camara dos communs.

Pariz, 5.

Continuam em Chalons as grandes manobras militares commandadas pelo imperador e Canrobert.

Diz-se, ter sahido de Toulon, embarcações de guerra com direcção a Lisboa para apoiar as reclamações da Franca.

Madrid, 7.

Espera-se aqui um batalhão de Saragoça e outro de Bourbon.

Uma carta de Pernambuco, recebida pela « Correspondencia autographa » falla dos planos e esperanças que tem os carlistas, respeito a um movimento no Aragon e Valencia. Segundo diz a mesma carta, contam com armas e dinheiro, e referem, com summa simplicidade, que no Aragon alistaram numerosas forças, designando os chefes carlistas que accenderão, ao mesmo tempo, o facho da guerra no Aragon e Valencia.

(*O Oriente*)

VARIÉDADES.

— *Não é historia.* — Espera-se d'um dia ao outro em Madrid, uma celebre personagem ingleza, que viajou durante 25 annos por todas as partes do mundo e deve terminar a sua peregrinação em Hespanha e Portugal. Esta personagem pertencente a uma das mais nobres familias da Inglaterra, tornou-se celebre em todos os paizes que percorreu pela sua excentricidade e prodigalidade, fabulosa.

Entre os rasgos que delle se contam, citaremos um que dará uma ideia da sua originalidade. A scena passa-se em New-York.

Uma noite, em que se entregava ás suas vagabundas excursões, abysmado em reflexões, uma joven, que levava uma criança nos seus braços, chegou-se ao pé delle pedindo-lhe uma esmola. O inglez sem olhar para ella, atirou-lhe algumas libras e continuou o seu caminho. Apenas tinha dado alguns passos tornou a ter diante de si a mesma rapariga. Pouco acostumada a receber esmolas tão valiosas, tinha corrido para lhe restituir o que elle tinha dado por engano. O inglez parou, abandonou por um momento as suas meditações, lançou sobre a joven um olhar em que se pintava a surpresa e admiração, e disse-lhe:

Sois deste paiz menina?

Sim snr., respondeu ella.

Casada, sem duvida?

Não senhor.

E é vossa essa creança?

Sim, respondeu de novo a mendiga, enxugando uma lagrima que lhe corria pela face.

E o pai?

Morreu na guerra do Texas.

O inglez guardou o silencio como se um raio de luz lhe tivesse atravessado a mente; depois fitou a joven com attenção,

A claridade d'um candieiro dava-lhe em cheio no rosto. Ficou o inglez surprehendido de encontrar debaixo daquelles farrapos, feições de rarissima belleza.

Esta criança não tem pai, arabastes de me dizer? Pois será meu filho. Eu queria suicidar-me; estava pensando como me havia de matar; agora decidi-me a casar com-vosco.

Dous mezes depois, a bella duqueza de ... attrahia toda a attenção d'uma brilhante sociedade, reunida n'um baile dado no theatro do imperador da Russia. Todo o mundo admirava a elegancia, o luxo, e a riqueza do seu toucado.

A duqueza de ... não era senão a mendiga de New-York.

Em quanto a seu filho, tem agora 19 annos, e diz-se que seu pai adoptivo quer casal-o com uma hespanhola. Tem um dote d'alguns centenaes de mil libras esterlinas.

Olho vivo, lindas hespanholas!

(*Nacional*)

— *Quanto val ser horoe.* — O casamento do marechal Pellissier duque de Malakoff, dá que fallar em Paris e em Londres. A esposa do vencedor de Sebastopol tem recebido ricos presentes de quasi todas as tesas coroadas da Europa.

O Sultão eclipsou a generosidade dos outros soberanos, é uma tiara de diamantes, com uma perola de grande valor no centro, e cujo valor se eleva á somma de dois milhões de piastras.

O presente da rainha Victoria, parece que serão as insignias da gran-cruz da Ordem do Banho, para o marechal.

(*Commercio do Porto*)

LOCAES.

— *Errata importante.* — No artigo principal do n.º transacto, (linha 7.ª) aonde se lê — A imprensa, ao partir para a sua deportação — deve ler-se — A Imprensa (*Jornal*) ao partir para a sua deportação.

— *Não desmente.* — Por convite da mesa da irmandade de S. Torcato acham-se nesta cidade os srs. Costa Lima, e Carneiro, lentes da academia do Porto, e architectos para fazerem um novo risco do templo que se erige áquella Santo, sendo mui graves os defeitos, que se encontram no risco antigo, pelo qual se tem feito obra. Assim são todas as obras em Portugal, e aquella não desmente.

— *Desconfiança.* — Anda por ahi o povo desconfiado, por quererem saber o numero de pipas de vinho, ou almudes, que teve cada um dos lavradores proprietario ou caseiro. Ninguem é capaz de tirar-lhe da cabeça, que esta curiosidade importa um terceiro, ou quarto imposto áquella produção, e por consequencia ninguem espere saber a verdade. A produção aproximada de vinho, neste cencelho, foi o termo medio dos annos em que o *oidium* era desconhecido; mas não foi assim em todos os predios porque certas qualidades d'uva, e determinadas localidades não produziram tanto ao passo, que outras produziram alguma cousa além do termo medio.

— *Reconsideração.* — A carne tornou ao preço por que se vendeu no mez de Setembro, isto é, mais barata cinco reis em

arratel. Nós logo vimos, que, não tendo encarecido o gado, não havia motivo para se elevar o preço da carne.

— *Remendos.* — Anda-se remendendo a estrada desta cidade para S. Torcato. Pelo que temos visto, seria melhor rota como está; porque é mais dinheiro perdido para o publico, e só proveitoso aos remendões. O leito d'aquella estrada deve ser mudado; e, se a irmandade do Santo auxiliasse, como lhe convem, os poucos meios, de que pode dispor a ill.^{ma} camara, e os bons proprietarios da localidade se não negassem, como de certo se não negam, ao rasoavel serviço, teriamos em breve uma estrada nova, cujos beneficios todos haviam de conhecer.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

QUARTA EDICÇÃO

DO

DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.

DE

Eduardo de Faria.

Refundida, correcta, e augmentada

POR

D. José Maria d'Almeida e Araujo Correa de Lacerda.

Publicou-se a 1.^a serie deste dictionario, contendo 12 folhas de 8 paginas, com 264 columnas de texto. — Preço 500 reis.

Os snrs. assignantes, que recebem a obra ás series, terão a bondade de a mandar receber, em Lisboa, no Escritorio do Editor, *Francisco Arthur da Silva*, rua dos Douradores n.º 31 E — 2.º andar, e no Porto na loja do snr. *Jacinto Antonio Pinto da Silva*, rua das Hortas n.º 144. Braga na livraria de *Germano Joaquim Barreto*.

DUAS PALAVRAS Á CERCA DA 3.ª EDIÇÃO.

Vimos ha dias um impresso do snr. José Pinheiro Bronhosa sobre a 3.ª edição do Dictionario de E. de Faria, em que annuciado o complemento e venda dos exemplares da dita edição, por 14\$400 rs. trata de estabelecer comparação entre a pagina que apresentamos por specimen no nosso prospecto, e o numero de vozes que a dita 3.ª edição comprehendia até aquella em que findava a pagina do nosso specimen, deduzindo do numero das dtias vozes que tinhamos omitido nesta parte comparada, 53 vocabulos! Não responderiamos á arguição, se acaso ella não tivesse por intuito fazer persuadir ao publico que a nossa 4.ª edição tem de ser incompleta. Para demonstrar a leviandade da asserção, poucas palavras serão bastantes. Compulse o snr. Bronhosa a 3.ª edição, e busque nella o significado da palavra — «*vocabulo*» — Conhecerá que se não pode comprehender como *vocabulo* da lingua Portugueza os nomes, sobrenomes e appellidos dos romanos, a força das suas legiões, cohortes, centurias, turmas, manículos; os heroes, as heroínas, os homens celebres; os usos e costumes dos povos; os termos mythologicos, e as suas explicações; etc. Depois de aprender que nenhuma destas cousas constituem o vocabulario de uma lingua; e que são

materias, que formarem provincias separadas, se comprehendem em resumos ou dictionarios especiaes, confronte então os vocabulos portuguezes da 4.ª edição que publicamos, com o da 3.ª de que trata, e reconhecerá que não só emendamos muito as incorrecções da 3.ª, como igualmente lhe adicionamos outros que nesta e nas precedentes se tinham omitido.

Satisfazendo, como demonstramos na serie acima annunciada, aos compromissos do nosso prospecto, temos cumprido com o nosso dever. Delle compromettemos a nunca nos afastar-nos nem uma virgula, embora appareçam impressos que, á similhaça d'aquelle a que nos reportamos, tenham por fim deprimir para nos desgostar. Com a entrega deste primeiro fasciculo principiamos a demonstrar a incredulidade, que a existencia desta 4.ª edição por 4\$500 rs. completa, cujo complexo será dividido em nove séries na rasão de 500 reis cada uma, é uma realidade; e que corrigimos, refundimos e augmentamos o nosso Dictionario. Na conclusão da obra mostraremos que ainda fomos mais longe do promettido, por que alem dos synonymos, adicionaremos, sem contudo augmentar o preço, um vocabulario da lingua Tupy, chamada lingua geral dos indigenas do Brasil; sollicitados para isso pelos subscriptores brasileiros e varios portuguezes, pelas intimas relações que existem entre aquelle Imperio e Portugal. O numero dos subscriptores da região transatlantica obrigou-nos a elevar a tiragem a 5,000 exemplares, o que nos compensará o diminuto preço porque se dá aos snrs. assignantes.

REPORTORIO

OU

DIARIO LUNARIO EUROPEU

Para o anno de 1859.

COMPOSTO EM COIMBRA POR ANTONIO PEREIRA unico successor do BORDA D'AGUA.

Acham-se promptas as fôrmas deste acreditado reportorio.

As pessoas que quizerem fazer alguma encomenda podem dirigir-se a Antonio José da Silva Teixeira, Porto, largo do Laranjal n.º 4.

ANNUNCIOS.

Agencia de negocios entre Portugal e o Brasil.

Antonio José de Barros Lima, residente na cidade do Rio de Janeiro, incumbe-se de tratar, não só na dita cidade, como em toda a Provincia, de todos os negocios, cuja solução dependa de qualquer juizo ou tribunal judiciario ou civil, ou do consulado portuguez, e promover as liquidações e arrecadações de bens, e em geral de todos aquelles que digam respeito a pessoas que residindo neste reino, não tenham quem as represente naquelle imperio. Os negocios que precisarem direcção de advogado, serão encarregados aos snrs. doutores Caetano Alberto Soares, ou Augusto Teixeira de Freitas, os primeiros Jurisconsultos do Brasil.

As pessoas que quizerem honral-o com a sua confiança, podem intender-se com seu irmão, João Antonio de Barros Lima, no Porto, rua de Santa Catharina n.º 273, (510)

José Maria Soares e Castro, declara que por decreto de 8 de Junho do corrente foi confirmado no partido de facultativo da camara municipal de Fafe, e que protesta contra o concurso aberto pela mesma camara, por isso que achando-se affectos ao Conselho d'Estado diversos recursos acerca do mesmo logar só depois da decisão deste tribunal é que o concurso poderia ter logar, quando ella não fosse favoravel ao annunciante.

O que faz publico para conhecimento dos pertendentes.

Fafe 13 de Outubro de 1858.

(511)

O Recebedor do Concelho de Guimarães.

Faz publico, que achando-se a correr o praso dos 30 dias voluntarios para a arrecadação dos impostos de quotidade do anno de 1857, e expirando no dia 20 do corrente mez de Outubro, que já se annunciou por Editaes, convida a todos os devedores que ainda não satisfizeram seus debitos a comparecerem na Recebedoria do mesmo concelho até ao indicado dia 20 de Outubro, passado o qual pagarão mais 3 por % sobre as suas colectas na forma que a lei ordena.

(512) José Maria Gomes d'Azevedo.

Pelo juizo de direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão Souza Guimarães, se affixaram editos de trinta dias, que findam em 30 do corrente Outubro, a citar credores e pessoas incertas que se julguem com direito a uma morada de casas n.º 36 da rua da Caldeiroa desta cidade, ou á quantia de 290«000 reis em deposito producto porque a mesma casa foi vendida por José Antonio da Silva Pereira, a Albino José Teixeira e mulher, com a pena de lançamento (513)

Estão vagos os empregos d'enfermeiro e enfermeira das enfermarias de cirurgia do hospital geral da Santa casa da Misericórdia, desta cidade: toda a pessoa, que pertender os ditos empregos, deve apresentar seus requerimentos ao escrivão da mesma Santa Casa da Misericórdia até o dia 19 do presente mez d'Outubro, (509)

O Redactor principal, e proprietario deste periodico annuncia, que a typographia e radacção mudou no proximo passado dia de S. Miguel para a rua Nova do Muro n.º 48, onde decem dirigir-se todos os Senhores, que tenham alli alguma pertença, ou queiram enviar as suas correspondencias. A morada porem, do redactor continua a ser no Terreiro de S. Francisco.

GUIMARÃES.

Typ. Vimaranesense da Tesoura, rua Nova do Muro n.º 48.